

RESUMO E ANÁLISE DE OBRAS DA MARI

LITERATURA

CAPITÃES DA AREIA

Jorge Amado



- **ANO DE PUBLICAÇÃO: 1937**
- **ESCOLA LITERÁRIA: MODERNISMO – 2ª FASE**
- **GÊNERO: NARRATIVO – ROMANCE**
- **TEMAS: CRÍTICA SOCIAL: OS GAROTOS DE RUA; DIFERENÇAS DE CLASSES, DISCRIMINAÇÃO, MARGINALIDADE, PROSTITUIÇÃO, MISÉRIA, POBREZA, ABANDONO, INFELICIDADE**
- **LOCAL: SALVADOR - BA**
- **NARRAÇÃO – 3ª PESSOA (ONISCIENTE)**
- **PERSONAGENS – PEDRO BALA, PROFESSOR, JOÃO GRANDE, GATO, VOLTA-SECA, SEM PERNAS, PIRULITO, DORA, ENTRE OUTROS.**

Biografia



- Jorge Leal Amado de Faria (Itabuna, 10,08/1912 — Salvador, 6/08/2001) foi um dos mais famosos e traduzidos escritores brasileiros de todos os tempos. Ele é o autor mais adaptado da televisão brasileira, verdadeiros sucessos como Tieta do Agreste, Gabriela, Cravo e Canela e Teresa Batista Cansada de Guerra são criações suas, além de Dona Flor e Seus Dois Maridos e Tenda dos Milagres.
- Foi jornalista, e envolveu-se com a política ideológica, tornando-se comunista, como muitos de sua geração. São temas constantes em suas obras os problemas e injustiças sociais, o folclore, a política, crenças e tradições, e a sensualidade do povo brasileiro.

- **Sensibilizado com as fortes desigualdades sociais do país, em 1932 Jorge Amado filiou-se ao Partido Comunista Brasileiro (PCB). Quatro anos depois foi preso pela primeira vez, no Rio de Janeiro, acusado de participar da Intentona Comunista. O ano era 1936, e Jorge Amado publicou um de seus livros mais líricos, Mar morto, protagonizado pelo mestre de saveiro Guma. O livro inspirou o amigo Dorival Caymmi a compor a música “É doce morrer no mar”.**
- **O romancista casou-se em 1933 com Matilde Garcia Rosa, na cidade de Estância, em Sergipe. Com ela, Jorge Amado teve uma filha, Eulália Dalila Amado, nascida em 1935 e falecida subitamente com apenas catorze anos.**
- **Em meados dos anos 30, Jorge Amado fez uma longa viagem pelo Brasil, pela América Latina e pelos Estados Unidos, durante a qual escreveu Capitães da Areia (1937). Ao retornar, foi preso novamente, devido à supressão da liberdade política decorrente da proclamação do Estado Novo (1937-50), regime de exceção instituído por Getúlio Vargas. Em Salvador, mais de mil exemplares de livros de Jorge Amado foram queimados em praça pública pela polícia do regime.**

- Publicou seu primeiro romance, O país do carnaval, em 1931. Casou-se em 1933, com Matilde Garcia Rosa, com quem teve uma filha, Lila. Nesse ano publicou seu segundo romance, Cacau.
- Formou-se pela Faculdade Nacional de Direito, no Rio de Janeiro, em 1935. Militante comunista, foi obrigado a exilar-se na Argentina e no Uruguai entre 1941 e 1942, período em que fez longa viagem pela América Latina. Ao voltar, em 1944, separou-se de Matilde Garcia Rosa.
- Em 1945, foi eleito deputado federal pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB), o que lhe rendeu fortes pressões políticas.
- E membro da Assembleia Nacional Constituinte, na legenda do Partido Comunista Brasileiro (PCB), tendo sido o deputado federal mais votado do Estado de São Paulo. Jorge Amado foi o autor da lei, ainda hoje em vigor, que assegura o direito à liberdade de culto religioso. Nesse mesmo ano, casou-se com Zélia Gattai.

- **Em 1947, ano do nascimento de João Jorge, primeiro filho do casal, o PCB foi declarado ilegal e seus membros perseguidos e presos. Jorge Amado teve que se exilar com a família na França, onde ficou até 1950, quando foi expulso. Em 1949, morreu no Rio de Janeiro sua filha Lila. Entre 1950 e 1952, viveu em Praga - República Checa, onde nasceu sua filha Paloma.**
- **De volta ao Brasil, Jorge Amado afastou-se, em 1955, da militância política, sem, no entanto, deixar os quadros do Partido Comunista. Dedicou-se, a partir de então, inteiramente à literatura. Foi eleito, em 6 de abril de 1961, para a cadeira de número 23, da, Academia Brasileira de Letras que tem por patrono José de Alencar e por primeiro ocupante Machado de Assis.**
- **A obra literária de Jorge Amado conheceu inúmeras adaptações para cinema, teatro e televisão, além de ter sido tema de escolas de samba em várias partes do Brasil. Seus livros foram traduzidos para 49 idiomas, existindo também exemplares em braile e em formato de audiolivro.**
- **Jorge Amado morreu em Salvador, no dia 6 de agosto de 2001. Foi cremado conforme seu desejo, e suas cinzas foram enterradas no jardim de sua residência na Rua Alagoinhas, no dia em que completaria 89 anos.**

Análise básica estrutural da Obra

- **1 - O narrador é onisciente e se simpatiza com o grupo de menores abandonados. No seu relato, predomina o discurso indireto livre.**
- **2 - O estilo coloquial está presente na linguagem, mas também na estrutura sintática das frases, uma vez que o autor escreve usando orações coordenadas, por exemplo.**
- **3 - O ritmo da narrativa é semelhante ao do contador de histórias: natural e descontraída. Neste ponto, Jorge Amado e Graciliano Ramos apresentam diferenças, uma vez que o último preza pela precisão semântica, por exemplo.**
- **4 - A segunda e a terceira pessoa aparecem misturadas nas frases.**
- **5 - Nos diálogos, além de usar o registro popular, Jorge Amado utiliza palavras chulas.**

- 6 - A obra está dividida em 3 partes:
- I. Sob a lua num velho trapiche abandonado Apresentação dos membros dos Capitães da Areia e descrição dos espaços físicos, como o trapiche em que vivem, e da sociedade na qual estão inseridos por meio de alguns fatos
- II. A noite da grande paz dos teus olhos Uma menina passa a integrar pela primeira vez o grupo dos meninos de rua, fato explorado nessa parte. Além de se tornar noiva e esposa de Pedro Bala, Dora ainda é vista como mãe e irmã pelos demais garotos
- III. Canção da Bahia, canção da liberdade Alguns meninos abandonam o trapiche, como Volta Seca. Outras personagens, antes marginalizadas, desenvolvem consciência política e alinham-se, cada qual a sua maneira, ao socialismo, mudança de comportamento comum na prosa de Jorge Amado.
- 7 - Antes delas, o autor introduz o tema dos menores abandonados através de uma série de cartas publicadas no Jornal da Tarde de Salvador. Sob o título “Cartas à redação”, reuniu-se a notícia de um dos roubos realizados pelos Capitães da Areia e cartas que denunciavam alguns problemas institucionais referentes à delinquência, como as condições de tratamento das crianças e jovens nos reformatórios. Em seguida, o diretor do reformatório, também em carta, convida algum dos jornalistas a visitar a instituição e observar pelos próprios olhos como as acusações eram falsas. Com data e horário marcado, o redator pode observar a “eficiência” do reformatório e, por isso, reproduziu nas páginas do jornal a versão oficial.

Exemplos da linguagem direta, simples e coloquial

- Padrão culto incorpora a fala do povo.
- “Tu ainda tem uma peitama”.
- “Nego quando pinta, três vezes trinta.”
- “O nega, chega de prosopopeia.”

Exploração do discurso indireto livre

- “O padre José ia encostado à parede. O cônego dissera que ele nada entendia. Não tinha inteligência, estava falando igual a um comunista.”

Análise

Centrando a ação na vida dos menores abandonados da cidade de Salvador, o escritor aproveita para mostrar as brutais diferenças de classe, e má distribuição de renda e os efeitos da marginalidade nas crianças e adolescentes discriminados por um sistema social perverso.

Capitães da areia narra o cotidiano de pobres crianças que vivem num velho trapiche abandonado. Liderados por Pedro Bala, menino corajoso, filho de um grevista morto, entregam-se a pequenos furtos para sobreviver.

A narrativa, de cunho realista, descreve o cotidiano do grupo e seus expedientes para arranjar alimento e dinheiro. Intercalando a narrativa com reportagens sobre o grupo dos “Capitães da Areia”, o romance supervaloriza a humanidade das crianças e ironiza a ganância, o egoísmo das classes dominantes.

O ESPAÇO



O Trapiche Abandonado

O romance inicia-se com a descrição do trapiche abandonado.

- O que chama a atenção, no que diz respeito à estruturação da narrativa, é a divisão em partes do romance. Ao todo, são três, subdivididas em capítulos ora mais longos, ora mais curtos, precedidas de um pequeno prólogo de caráter jornalístico.

1. Prólogo – “Cartas à Redação”:

- reportagem publicada no *Jornal da Tarde* tratando do assalto das crianças à casa de um rico comerciante, num dos bairros mais aristocráticos da capital;
- carta do secretário do chefe de polícia ao mesmo jornal, atribuindo a responsabilidade de coibir os furtos das crianças ao juiz de menores;
- carta do juiz de menores defendendo-se da acusação de negligência;
- carta da mãe de uma das crianças falando das condições miseráveis do reformatório;
- carta do padre José Pedro referendando as acusações da mãe feitas ao reformatório;
- carta do diretor do reformatório defendendo-se das acusações da mãe e do padre;
- reportagem elogiosa do mesmo jornal ao reformatório.

CRIANÇAS LADRONAS

**AS AVENTURAS SINISTRAS DOS “CAPITÃES DA AREIA”
— A CIDADE INFESTADA POR CRIANÇAS QUE VIVEM
DO FURTO — URGE UMA PROVIDÊNCIA DO JUIZ DE
MENORES E DO CHEFE DE POLICIA — ONTEM HOVE MAIS UM ASSALTO.**

“Já por várias vezes o nosso jornal (...) tem trazido notícias sobre a atividade criminosa dos Capitães da Areia. (...) Essas crianças que tão cedo se dedicaram à tenebrosa carreira do crime não têm moradia certa ou pelo menos a sua moradia ainda não foi localizada. (...) fazendo jus a uma imediata providência do juiz de menores e do Dr. Chefe de Polícia.”

"Sob a lua, num velho trapiche abandonado"

PRIMEIRA PARTE

Formada de onze capítulos

***Essa parte constitui propriamente a
apresentação do romance, na qual o leitor se
depara com a biografia das principais
personagens.***



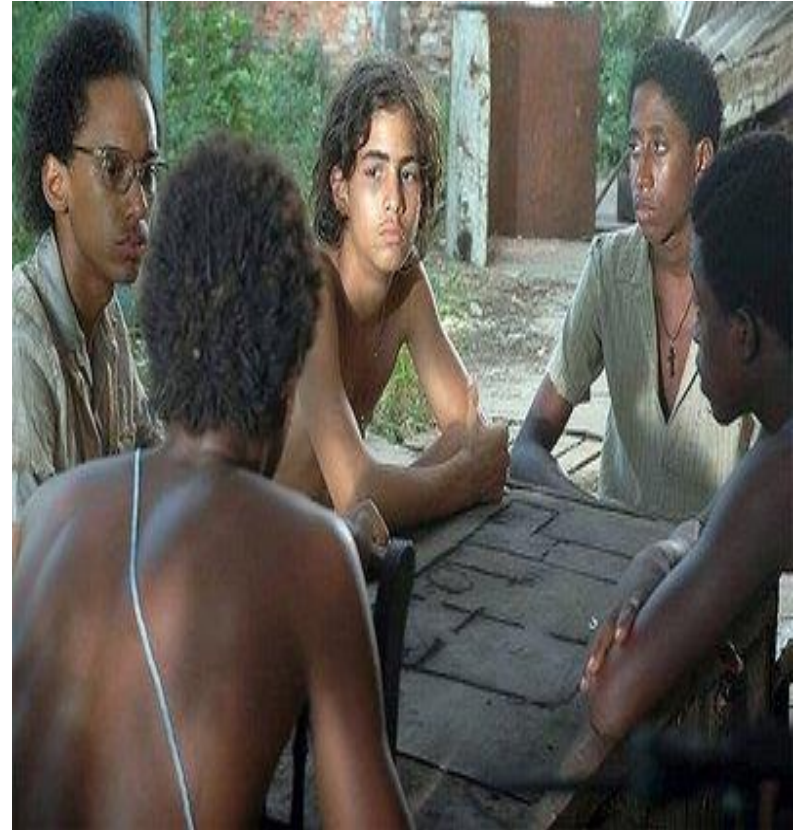
- ***“Sob a lua, num velho trapiche abandonado, as crianças dormem.***

Antigamente, aqui era o mar. Nas grandes e negras pedras dos alicerces do trapiche as ondas ora se rebentavam fragorosas, ora vinham se bater mansamente. A água passava por baixo da ponte sob a qual muitas crianças repousam agora, iluminadas por uma réstia amarela de lua.”

Os Capitães da Areia

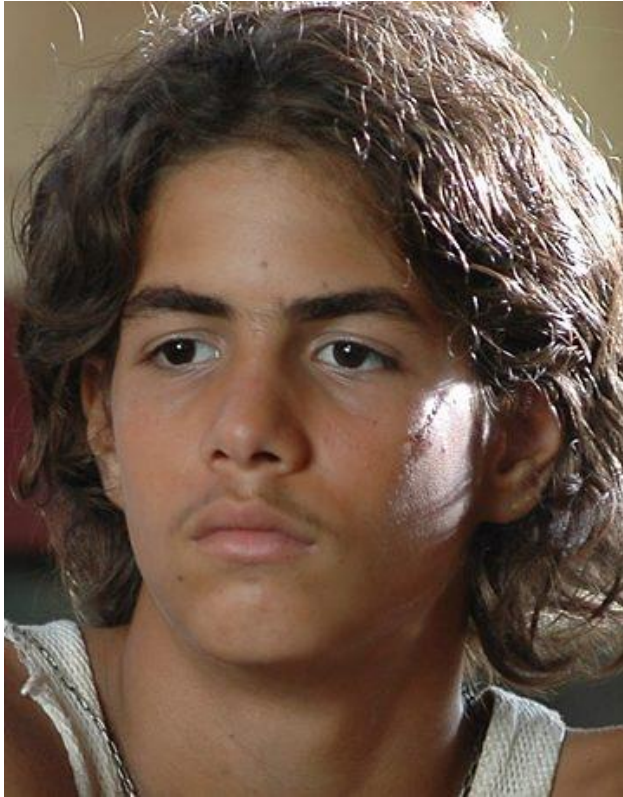
A primeira parte em si, conta algumas histórias quase independentes sobre alguns dos principais Capitães da Areia.

O grupo chegava a quase cem, morando num trapiche abandonado, mas tinha líderes.



Atores do filme de Cecília Amado

Pedro Bala

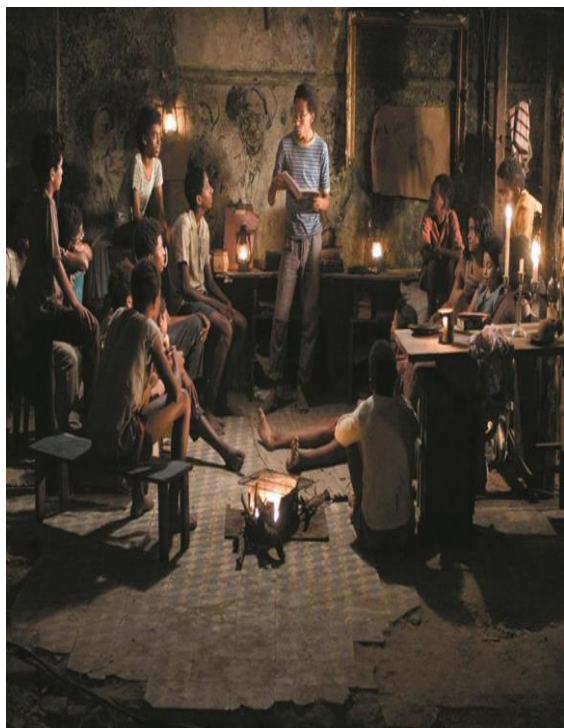


É o temido líder dos Capitães da Areia. Desde cedo foi chamado assim, desde os seus cinco anos, quando começou a vagabundear nas ruas da Bahia. Hoje tem 15 anos e conhece todas as ruas e becos da cidade. Bala é considerado um herói por seu bando, traz nos olhos e na voz a autoridade de chefe. Muitas vezes ele tem que tomar decisões difíceis, se arrisca no que for preciso para lutar pelos meninos. Vai descobrir o amor ao lado de Dora.

Tomamos conhecimento de sua origem por meio de um expediente muito comum, o retorno ao passado. Ficamos então sabendo o porquê de Pedro ter-se engajado no grupo dos Capitães da Areia (a morte do pai a bala, o desconhecimento da mãe), o modo como ele chega à liderança, após derrotar o mulato Raimundo numa luta.

Ator do filme de Cecília Amado

João José, o Professor



é quem toma conta do Trapiche quando Pedro Bala se ausenta. O braço direito de Bala é também o “intelectual” do bando: coleciona uma pequena biblioteca de livros e revistas roubadas que lê com grande dificuldade. Ele se tornou uma espécie de irmão mais velho para todos, aquele que conta histórias incríveis, aventuras mirabolantes, enriquecidas por sua imaginação. muito criativo e um ótimo desenhista(possuía o dom)."Pedro Bala nada resolvia sem o consultar várias vezes, foi a imaginação do Professor que criou os melhores planos de roubo."

Gato



sempre foi o mais malandro, excelente capoeirista, discreto, ágil, desbanca qualquer um nas mesas de jogo. Elegante e vaidoso investiu todo seu charme em conquistar sua grande paixão, **Dalva**, mulher de verdade, mulher da vida, mulher da sua vida. Desde que se ajeitou com a rapariga sonha em partir com ela para Ilhéus e enriquecer como gigolô.

Tempos depois foi embora para Ilhéus tentar a sorte.

JOÃO GRANDE



é respeitado pelo grupo em virtude de sua coragem e da grande estatura.

“Os olhos ardiam também quando viam alguém machucando menores. Então seus músculos ficavam duros e ele estava disposto a qualquer briga. Ele era uma pessoa boa e forte , por isso, quando chegavam pequeninos cheios de receio para o grupo, ele era escolhido o protetor deles. O chefe dos capitães de areia era amigo de João Grande não por sua força, mas porque Pedro o achava muito bom, até melhor que eles.”

Sem-Pernas



ficou aleijado de tanto apanhar da polícia. Coxo de uma perna e pouco desenvolvido, logo ganhou o apelido. Explora o aleijão para se infiltrar em casas de famílias ricas conquistando a piedade de senhoras caridosas e em seguida “abre as portas” para o bando saquear. Para ele o sonho de ter uma família, sonho de todo menino de rua, às vezes parece tão próximo e, ao mesmo tempo tão inatingível, que sua revolta só cresce.

Volta Seca



Imitador de pássaros e afilhado de Lampião, era mulato sertanejo de alpargatas que tem ódio das autoridades e o desejo de se tornar cangaceiro.

Pirulito



Ator do filme de Cecília Amado

- Magro, alto e meio amarelado. Embora fosse o mais cruel do grupo, converteu-se à religião, levado pelos ensinamentos do Padre José Pedro. Participava dos furtos, mas não deixava de fazer suas orações e alimentar sua fé em Deus.
- Quando parou de roubar, para sobreviver vendia jornais, seu destino foi ajudar o padre José Pedro numa paróquia distante.

Dora



Tinha treze para quatorze anos, era a única mulher do grupo e se adaptou bem a ele. Era uma menina muito simples, dócil, bonita, simpática e meiga. Conquistou facilmente o grupo com seus cabelos lisos. Seus pais haviam morrido de alastrim** e ela ficou sozinha no mundo com seu irmão pequeno. Ficou só, nas ruas de Salvador, levando pela mão o irmão Zé Fuinha.

- Tentou arrumar emprego, mas ninguém queria empregar filha de bexiguento. Aí ela encontrou João Grande e professor que a chamaram para morar no Trapiche, e logo ela já era considerada por todos como uma mãe, irmã e para Bala uma noiva. Ela participava dos roubos com os outros meninos. Morreu queimando de febre.

- **Boa Vida:** Era mulato troncado e feio, o mais malandro do grupo. Muito preguiçoso, era o único que não participava das atividades de roubo do grupo. Às vezes, roubava um relógio ou uma joia qualquer, passando-a logo para o Bala, como forma de apoio ao grupo. Era um boa-vida, gostava de violão e de ficar fazendo nada, contemplando o mar e os barcos. Seu destino foi virar um verdadeiro malandro, que vivia a correr pelos morros compondo sambas.
- **João-de-Adão:** Estivador, negro fortíssimo e antigo grevista, era igualmente temido e amado em toda a estiva. Através dele, Pedro Bala soube de seu pai. Ele tinha conhecido o loiro Raimundo, estivador que tinha morrido, baleado na greve, lutando em prol dos estivadores. Segundo ele, a mãe de Pedro falecera quando ele tinha seis meses; era uma mulher e tanto.
- **Caboclo Raimundo** :era chefe do capitães da areia antes de Pedro Bala, foi ele que cortou o rosto de Pedro Bala, mas logo vai embora.

PADRE JOSÉ PEDRO – padre de origem humilde, só conseguiu entrar para o seminário por ter sido apadrinhado pelo dono do estabelecimento onde era operário. Discriminado por não possuir a cultura nem a erudição dos colegas, demonstra uma crença religiosa sincera. Por isso, assume a missão de levar conforto espiritual às crianças abandonadas da cidade, das quais os Capitães da Areia são o grande expoente.

- **QUERIDO-DE-DEUS** - Pescador e capoeirista. Ensinou sua arte para alguns integrantes dos Capitães da Areia. Seu respeito ao grupo era recíproco. Foi ele quem apresentou o candomblé aos meninos e também a capoeira.
- **DON' ANINHA** - Mãe-de-santo, amiga dos Capitães da Areia que a tinham em grande estima. Sempre os socorria em caso de doença ou necessidade.

- **Dalva:** bela prostituta com a qual Gato saia, 35 anos.
- **Barandão:** integrante dos Capitães da Areia, negro, corajoso, bissexual.
- **Almiro:** membro dos Capitães da Areia, gordo, preguiçoso, bissexual, contrai a varíola.
- **Nhozinho França:** bêbado, dono de um velho carrossel.
- **Margarida:** velha, magra, rica e preconceituosa. Odiava os Capitães da Areia.
- **Gringo:** participava dos Capitães da Areia, estrangeiro, falava enrolado, o mais zoadado pelo Sem-Pernas.
- **Alberto:** amigos dos Capitães da Areia, só aparece no final da narrativa. Era ativista político de esquerda e ajudava os grevistas. Influencia muito a vida de Pedro Bala.

O emprego metonímico para a apresentação das personagens

- Uma forma bastante usual nas narrativas é o narrador apresentar as personagens por meio da descrição de suas características físicas e psicológicas. E nisso, como pudemos ver acima, o romance de Jorge Amado vale-se da metonímia, figura de linguagem que consiste em tomar a parte para representar o todo.

Devido a esse recurso estilístico, temos a impressão de que "a qualidade ou o defeito principal de cada personagem se estendesse e dominasse todo o indivíduo, servindo-lhe de emblema e, em muitos casos, determinando-lhe toda a ação"



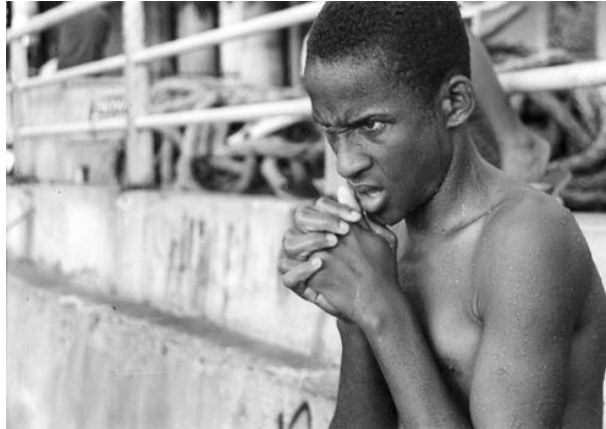
O Protagonista

A obra não possui um personagem principal.

Para indicar um protagonista, o mais apropriado seria apontar o conjunto do bando, ou seja, os Capitães da Areia. Isso porque as ações não giram em torno de um ou de outro personagem, mas ao redor de todos.

Pedro Bala, o líder do bando, não é mais importante para o enredo do que o Sem-Pernas ou o Gato. Pode-se dizer que ele é o líder do bando, mas não lidera o eixo do romance. Daí a ideia de que o protagonista é o elemento coletivo, e cada membro do grupo funciona como uma parte da personalidade, uma faceta desse organismo maior que forma os Capitães da Areia.

A necessidade de afeto: a falta de pai e mãe



“[...] O Sem-Pernas recuou e a sua angústia cresceu. Todos procuravam um carinho, qualquer coisa fora daquela vida: O professor naqueles livros que lia a noite toda, o Gato na cama de uma mulher da vida que lhe dava dinheiro, Pirulito na oração que o transfigurava, Barandão e Almiro no amor na areia do cais. O Sem-Pernas sentia que uma angústia o tomava e que era impossível dormir. [...]”

A Fome de Carinho

O narrador, em pequenos *flashes*, aproveita para ilustrar o cotidiano daquelas crianças ainda, com a sua vida vazia e pobre, sem a presença da mãe, sem proteção e famintos de carinho.

O Gato busca aliviar suas carências com as prostitutas.

Boa-Vida e Barandão com as abordagens homossexuais a Gato e Almiro.

O Carrossel

- É sintomático que neste capítulo a narrativa concentre-se nas duas personagens mais duras e rancorosas do grupo: Sem-Pernas e Volta-Seca.
- **O Sem-Pernas guarda dentro de si o rancor por seu eterno abandono.**
- **Volta-Seca tem arraigado dentro de si o sentimento de vingança que o levará mais tarde a integrar-se ao bando de Lampião.**
- A intenção do autor, portanto, torna-se bem visível, porque ambos retrocedem à infância e transformam-se novamente em crianças indefesas, graças ao carrossel.



A infância roubada

O Padre José Pedro

Nesse mesmo capítulo, há uma espécie de gancho para a introdução de uma personagem já referida no prólogo: o padre José Pedro. Uma das raras pessoas a ter acesso ao esconderijo dos Capitães da Areia, sem saber que as crianças já estão frequentando o carrossel, ele desvia dinheiro das beatas para comprar bilhetes. Ficamos conhecendo a figura do padre, diferente daquela do alto clero, tão somente voltado para o serviço dos ricos. De origem humilde, seu maior sonho era tentar resgatar os meninos da miséria. Por isso mesmo, torna-se um marginal em relação aos outros padres. Tratando as crianças como homens, com dignidade, pouco a pouco consegue conquistar-lhes a confiança e se aproximar delas:

[...] Mas o padre José Pedro tinha sido operário e sabia como tratar os meninos. Tratava-os como a homens, como a amigos. E assim conquistou a confiança deles, se fez amigo de todos, mesmo daqueles que, como Pedro Bala e o Professor, não gostavam de rezar [...]

“Docas”

- **O capítulo seguinte, “Docas”, também lida com contrastes. Nele, Pedro Bala fica sabendo da vida heroica do pai, estivador no porto, morto pelo Exército numa greve. Cresce no peito do pequeno herói o desejo de participar do futuro das lutas libertárias:**
- *[...] Pedro Bala mirou o chão agora asfaltado. Por baixo daquele asfalto devia estar o sangue que correria do corpo de seu pai. Por isso, no dia em que quisesse, teria um lugar nas docas, entre aqueles homens, o lugar que fora de seu pai. [...]*
- **O contraste nasce no instante em que Pedro Bala tenta violentar uma negrinha de quinze anos. Atormentado pelo desejo, num primeiro momento, esquece-se da desumanidade de seu ato; contudo, logo após, sentimentos confusos têm guarida dentro dele, como se consciência aflorasse:**
- *[...] E tinha vontade de se jogar no mar para se lavar de toda aquela inquietação, a vontade de se vingar dos homens que tinham matado seu pai, o ódio que sentia contra a cidade rica que se estendia do outro lado do mar, na Barra, na Vitória, na Graça, o desespero da sua vida de criança abandonada e perseguida, a pena que sentia pela pobre negrinha, uma criança também.*

A Religião dos Pobres e a Elite Don'Aninha

“[...] Os candomblés batiam em desagravo a Ogum e talvez num deles ou em muitos deles Omolu anunciasse a vingança do povo pobre. Don'Aninha disse aos meninos com uma voz amarga:

- *- Não deixam os pobres viver... Não deixam nem o deus dos pobres em paz. Pobre não pode dançar, não pode cantar pra seu deus, não pode pedir uma graça a seu deus – sua voz era amarga, uma voz que não parecia da mãe-de-santo Don'Aninha.”*
- *“Não se contentam de matar os pobres a fome. Agora tiram os santos dos pobres... – e alçava os punhos.”*

Pirulito e sua fé

Essa imagem da religião dos pobres acentua-se no capítulo seguinte, “**Deus sorri como um negrinho**”, verdadeiro intervalo lírico, em que o narrador ilustra a fé de Pirulito. Encantado com a imagem de um Menino Jesus na vitrine de uma loja, ele a rouba, mas a cena deixa de lado a ação e envereda decididamente pelo devaneio da personagem, de maneira que o roubo toma a feição de uma doação da imagem a Pirulito por obra e graça da Virgem Maria:

“[...] Sim, foi a Virgem, que agora estende o Menino para Pirulito o quanto podem seus braços e o chama com sua doce voz:

- Leve e cuide dele... Cuide bem...

Pirulito avança. Vê o inferno, o castigo de Deus, suas mãos e sua cabeça a arder uma vida que nunca acaba. Mas sacode o corpo como que jogando longe a visão, recebe o Menino que a Virgem lhe entrega, o encosta ao peito e desaparece na rua.”

“Família”

Os Capitães da Areia planejam roubar uma casa rica, usando como isca a figura do Sem-Pernas. O menino costumava provocar a piedade das pessoas com seu aleijão e, desse modo aproveitava-se para facilitar aos outros o roubo.

Desta vez, contudo, acolhido por um casal que perdera o filho pequeno, é tratado com tanto carinho que sente remorsos por ter que roubar seus protetores e desistir do desejo imenso de levar uma vida decente, em casa de família.

O conflito serve para mostrar sua carência e sua lealdade ao grupo.

"Noite da Grande Paz, da Grande Paz dos teus olhos"

Segunda parte

Formada de oito capítulos

Essa parte trata mais
especificamente da descoberta
do amor por parte de Pedro Bala

Uma História de Amor



O primeiro capítulo da segunda parte do livro começa com a introdução de uma nova personagem, Dora. Perdendo os pais com a doença da bexiga, que se alastrou pela cidade, sai com o irmão menor, Fuinha, em busca de emprego. Nada conseguindo nas casas, é finalmente encontrada por João Grande e o Professor, que a levam para o trapiche.

O narrador aproveita para mostrar o código de honra dos meninos, pois enquanto alguns querem violentá-la, o Professor, João Grande e, depois, Pedro Bala, protegem-na. É a partir daí que ela se integra ao grupo, trazendo, com a presença feminina, carinho para as crianças, e cumprindo o papel de mãe que elas não tiveram.

“Dora, mãe, irmã e noiva”



Dora integra-se definitivamente ao grupo quando troca o vestido por uma calça e passa a participar das atividades dos meninos, roubando e brigando. Já tendo ganho a plena confiança das crianças, ela se transforma simbolicamente na irmã deles. E ainda que não tenha consciência desse fato, passa a amar Pedro Bala.

“[...] Ela de longe sorria para Pedro Bala. Não havia nenhuma malícia no seu sorriso. Mas seu olhar era diferente do olhar de irmã que lançava aos outros. Era um doce olhar de noiva, de noiva ingênua e tímida. Talvez mesmo não soubessem que era amor. Apesar de não ser noite de lua, havia um romântico romance no casarão colonial. Ela sorria e baixava os olhos, por vezes piscava com um olho porque pensava que isto era namorar. E seu coração batia rápido quando o olhava. Não sabia que isso era amor. [...]

“[...] A mão de Dora o toca de novo. Agora a sensação é diferente. Não é mais um arrepio de desejo. É aquela sensação de carinho bom, de segurança que lhe davam as mãos de sua mãe. Dora está por detrás dele, ele não vê. Imagina então que é sua mãe que voltou. [...]”

“Reformatório” e “Orfanato”

Nos capítulos seguintes, o narrador trata das terríveis condições de vida nessas duas instituições. Presos num assalto frustrado a uma casa, Pedro Bala e Dora, sacrificando-se para que o grupo possa fugir, são recolhidos a um reformatório e a um orfanato respectivamente.

Resistindo de forma heroica às torturas, o menino não delata os companheiros e, por isso mesmo, passa alguns dias na solitária.

Dora, mais frágil, acaba adoecendo. Com a ajuda dos meninos, Pedro Bala e Dora conseguem fugir.


“Dora, esposa”



O narrador fecha a segunda parte do livro com **a entrega de Dora** a Pedro Bala. Ela tornara-se mocinha no orfanato. **Segue-se sua morte e o sofrimento por sua ausência.**

No último capítulo, em cena bastante poética, o narrador mostra o menino seguindo nas águas o corpo de Dora, que irá simbolicamente se transformar numa estrela do céu:

“Que importa tampouco que os astrônomos afirmem que foi um cometa que passou sobre a Bahia naquela noite? O que Pedro Bala viu foi Dora feita estrela, indo para o céu. Fora mais valente que todas as mulheres, mais valente que Rosa Palmeirão, que Maria Cabaçu. Tão valente que antes de morrer, mesmo sendo uma menina, se dera ao seu amor. Por isso virou uma estrela no céu. Uma estrela de longa cabeleira loira, uma estrela como nunca tivera nenhuma na noite de paz da Bahia.”



A função de Dora no romance está ligada ao amadurecimento do herói. **Ela possibilita a descoberta do amor a Pedro Bala.** A partir daí, ele descobre que a vida não é só violência, que pode ser também dedicação e entrega afetiva ao próximo.

É a partir dessa descoberta, quando passa a ter a estrela-Dora como guia, que ele começa a participar ativamente de movimentos grevistas, como se verá na terceira parte do livro.



"Canção da Bahia, Canção da Liberdade"

Terceira Parte

Formada de oito capítulos
Esta parte mostra o destino das
personagens.

O PROFESSOR

NOTÍCIAS DE JORNAL

O “Jornal da Tarde” publica um telegrama do Rio dando conta do sucesso da exposição de um jovem pintor até então desconhecido. Um trecho da crítica de arte, após falar das qualidades e defeitos do novo pintor social, diz:

“... um detalhe notaram todos que foram a essa estranha exposição de cenas e retratos de meninos pobres. É que todos os sentimentos bons estão sempre representados na figura de uma menina magra de cabelos loiros e faces febris. E que todos os sentimentos maus estão representados por um homem de sobretudo negro e um ar de viajante. Que representarão para um psicanalista, a repetição quase inconsciente dessas figuras em todos os quadros? Sabe-se que o pintor João José tem uma história. .

Volta Seca

Volta Seca se torna um cangaceiro do grupo de Lampião e mata mais de 60 soldados antes de ser capturado e condenado.

Um júri condenou Volta Seca a 30 anos de prisão por 15 mortes conhecidas e provadas. No entanto seu fuzil tinha 60 marcas. E o jornal lembrava esse fato, repetindo que cada marca era um homem morto.

Mas publicava também parte do relatório de um dos grandes sociólogos e etnógrafos do país, provando que Volta Seca era absolutamente normal e que se virara cangaceiro e matara tantos homens e com tamanha crueldade não fora por vocação de nascença. Fora o ambiente... e vinham as devidas considerações científicas.

Sem-Pernas

Porque Sem-Pernas sabia que se corresse na rua o pegariam com certeza. Não deixará que o peguem, não tocarão a mão no seu corpo.

Nunca conseguira amar a ninguém, a não ser a este cachorro que o segue. Quando os corações das demais crianças ainda estão puros de sentimentos o do Sem-Pernas já estava cheio de ódio. Odiava a cidade, a vida, os homens.

Não o levarão. Vêm em seus calcanhares mas não o levarão. Sobe para o pequeno muro, volve o rosto para os guardas que ainda correm, ri com toda a força do seu ódio, cospe na cara de um que se aproxima estendendo os braços, se atira de costas no espaço como se fosse um trapezista de circo.

A praça toda fica em suspenso por um momento. “Se jogou”, diz uma mulher e desmaia. Sem-Pernas se rebenta na montanha como um trapezista de circo que não tivesse alcançado o outro trapézio.

Gato

“Gato não fizera ainda dezoito anos. Fazia quatro que amava Dalva. Virou para João Grande:

— Agora vou começar a vida...

Ofereceu cigarros tirados de uma cigarreira cara, alisou o cabelo bem assentado. Botou a mão no ombro de Pedro Bala:
- Mano, vou para Ilhéus. A patroa vai cavar a vida. Eu vou com ela. Sou capaz de enricar. Quando tiver fazendeiro a gente vai fazer uma farra daquelas.”

Pirulito

se torna frade; **Padre José Pedro** finalmente consegue uma paróquia no interior, e vai para lá ajudar os desgarrados do rebanho do Sertão.

João Grande torna-se marinheiro

Querido-de-Deus continua sua vida de capoeirista e malandro

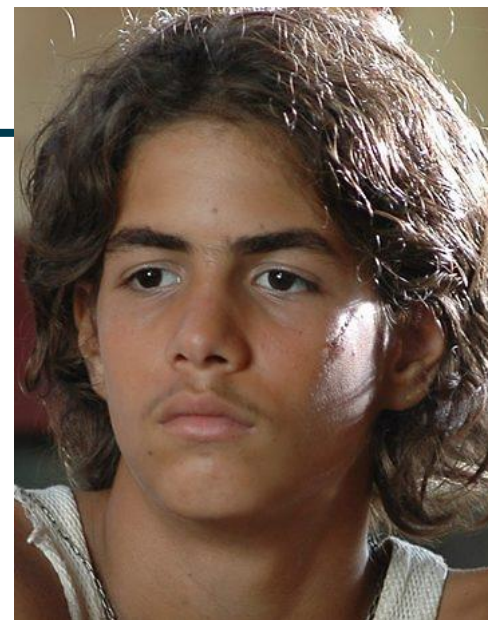
Boa-Vida, por sua vez, escolhe a vida de malandro das ruas

PEDRO BALA

“A revolução chama Pedro Bala como Deus chamava Pirulito nas noites do trapiche. É uma voz poderosa dentro dele, poderosa como a voz do mar, como a voz do vento, tão poderosa como uma voz sem comparação. Como a voz de um negro que canta num saveiro o samba que Boa-Vida fez:

- Companheiros, chegou a hora. . .

A voz o chama. Uma voz que o alegra, que faz bater seu coração. Ajudar a mudar o destino de todos os pobres. Uma voz que atravessa a cidade, que parece vir dos atabaques que ressoam nas macumbas da religião ilegal dos negros. Uma voz que com o ruído dos bondes onde vão os condutores e motorneiros grevistas. Uma voz que vem do cais, do peito dos estivadores, de João de Adão, de seu pai morrendo num comício, dos marinheiros dos navios, dos saveristas e dos canoeiros. Uma voz que vem do grupo que joga a luta da capoeira.”



Pedro Bala toma consciência das injustiças sociais, luta ao lado dos grevistas, transforma-se num “militante proletário” e passa a lutar contra as opressões.

“Companheiros, vamos pra luta...”

De punhos levantados, as crianças saúdam Pedro Bala, que parte para mudar o destino de outras crianças. Barandão grita na frente de todos, ele agora é o novo chefe.

De longe, Pedro Bala ainda vê os Capitães da Areia. Sob a lua, num velho trapiche abandonado, eles levantam os braços. Estão em pé, o destino mudou. Na noite misteriosa das macumbas os atabaques ressoam como clarins de guerra.”

Uma Pátria e uma família

Anos depois os jornais de classe, pequenos jornais, dos quais vários não tinham existência legal e se imprimiam em tipografias clandestinas, jornais que circulavam nas fábricas, passados de mão em mão, e que eram lidos à luz de fifós, publicavam sempre notícias sobre um militante proletário, o camarada Pedro Bala, que estava perseguido pela polícia de cinco estados como organizador de greves, como dirigente de partidos ilegais, como perigoso inimigo da ordem estabelecida. No ano em que todas as bocas foram impedidas de falar, no ano que foi todo ele uma noite de terror, esses jornais únicas bocas que ainda falavam clamavam pela liberdade de Pedro Bala, líder da sua classe, que se encontrava preso numa colônia. E, no dia em que ele fugiu, em inúmeros lares, na hora pobre do jantar, rostos se iluminaram ao saber da notícia. E, apesar de que fora era o terror, qualquer daqueles lares era um lar que se abria para Pedro Bala, fugitivo da polícia. Porque a revolução é uma pátria e uma família.

Na casa mal-assombrada de Doninha Quaresma (existiam botijas enterradas e a alma de Doninha), hoje do Capitão, na paz de Estância. Sergipe, março de 1937. A bordo do Rakuyo Maru, subindo a costa da América do Sul pelo Pacífico, em caminho do México, junho de 1937.

FIM

-
- Jorge Amado terminou de escrever *Capitães da Areia* a bordo de um navio a caminho do México, durante uma viagem pela América Latina e Estados Unidos. Enquanto isso, no Brasil, Getúlio Vargas instituía o Estado Novo. Na volta ao país, em novembro de 1937, o escritor foi preso em Manaus pela polícia do novo regime.
 - 937 é o estilo de Amado, que muitas vezes omite o 1 por causa da ditadura, mas é referência a 1937.



A denúncia social

O encontro entre vida real e ficção percorre grande parte da obra de Jorge Amado. Essa fusão permite-nos acompanhar diferentes temas tratados na ficção que, direta ou indiretamente, remetem ao mundo em que vivemos. Neste movimento, temas sociais aparecem na narrativa do autor em suas diversas obras.

Jorge Amado era muito atento a tudo que o cercava.

Tencionou trazer à tona a vida social, política e cultural do Brasil



Uma vida de abandono

Por que Sem-Pernas resistiu ao afeto de D. Ester e seguiu com seu plano de roubar a família?

Dificuldade em receber afeto

Fidelidade aos outros meninos



“Professor”

O que fazia esse personagem ser diferente dos outros?

Consciência/visão crítica

Planejamento dos assaltos

As histórias e a ampliação do imaginário

Um futuro melhor



SINCRETISMO



Os únicos adultos a terem contato com os Capitães eram Padre José Pedro e Don'Aninha, a mãe-de-santo.

Palavra originada do grego, significa sistema que consiste em conciliar os princípios de varias doutrinas ou filosofias.

A correspondência de Santos Católicos com os Orixás africanos veio pela única maneira que os negros escravos tinham de escapar dos castigos e perseguições dos seus senhores e de religiosos que tentavam difundir o catolicismo, impondo a crença com as suas representações católicas.

Principais temas da Obra

- 1 - Antes mesmo da década de 1960, Jorge Amado já tratava da **sexualidade**, um dos motivos para ser considerado um autor polêmico.
- 2 - **Os menores abandonados e a ineficácia de instituições como o orfanato e o reformatório** são os grandes temas no livro. O autor demonstrou, assim, o pouco interesse da grande maioria dos cidadãos de reintegrar esses jovens à sociedade.
- 3 - Jorge Amado tratou **com lirismo** a vida daqueles que viviam às margens da sociedade, traço marcante em toda sua obra. Colocando as personagens mais humildes como boas, já que seus crimes são consequência dos problemas sociais, e as representantes da burguesia como ruins, pode-se identificar uma visão maniqueísta** neste livro.
- 4. É muito presente no **livro o desprezo que as autoridades têm com a pobreza**. Até mesmo **a imprensa**, que deveria ser um órgão imparcial e que apenas transmite as informações, posiciona-se mais para acusar e julgar os meninos, do que para defendê-los ou para fazer uma observação sobre o que os levou a marginalidade. Os comentários mais frequentes da imprensa eram “A cidade infestada por crianças que vivem do furto” e “Esse bando que vive de rapina”.
- 5. Jorge Amado revela a cultura e os problemas do povo brasileiro, mesclando **crença religiosa, ideologia, ceticismo e ativismo político**. Sua literatura age contra toda e qualquer opressão e preconceitos que possam estar evidentes dentro do nosso povo, tirando do esquecimento traços significativos da nossa colonização, como, por exemplo, o candomblé e o falar popular. Jorge Amado trata de questões importantes em situações dialogais do cotidiano do povo brasileiro.



https://www.youtube.com/watch?v=ht4_sxk4gni

Longa assinado por Cecília Amado, neta do escritor baiano. Estreou no dia 7 de outubro de 2011.

*"A liberdade é como o sol. É o bem maior do mundo.
Ninguém pode mudar o destino. É coisa feita lá em cima."
- Capitães da Areia - Jorge Amado*

Vivemos o que Aprendemos...

PROF. MARI

OBRIGADA

Prof.^a Mari
Literatura